

Penna, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcêa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 7

Anno II

Florianópolis, 30 de Novembro de 1918

Num. 16

Diario da Filha de Maria

A amabilidade christã é o fructo da caridade. E' a flor que desabrocha dessa planta e embalsama com seu suave odor todos os que della se approximam. Quanto mais forte e viçosa é a planta, mais bella e perfumada é a flor; do mesmo modo, quanto mais ardente fôr a caridade na alma da Filha de Maria, mais perfeita será sua amabilidade.

(Extr.)

Um quarto mal assombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, também professora; Anna Capistrani; Magdalena Bei Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA XVII

MAGDALENA— Isto é um enigma!

MARIA— Não fico aqui nem mais um minuto; vou procurar outro logar para dormir.

MAGDALENA— Venha commigo para o meu quarto; dormiremos juntas, e assim nos chegará um castiçal.

MARIA— Aceito, com prazer, o seu convite, e levo tudo o que é meu (torna o chapéo, o capote e a malinha), para não pisar mais aqui, neste quarto mal assombrado!

MAGDALENA— A Sra. tem razão; mas levemos tambem a comida, pois lá no meu quarto a Sra. poderá comer com socego. (Pega na bandeja.)

MARIA— Agora vamo-nos daqui, e, depois que tivermos fechado bem a porta, podem vir todas as almas do outro mundo fazer o que quizerem, porque aqui não poremos mais o pé! (Saem, levando tambem o castiçal.)

SCENA XVIII

Gabriela e Anna

GABRIELA— (Entra cuidadosamente, trazendo o castiçal) Nada mais se ouve! Que terá acontecido?... Sabe Deus o que a hos-

pedeira teria feito commigo, si me tivesse pilhado aqui! (Larga o castiçal)

ANNA— Então, vamos: que lhe falta e em que a poderei servir?

GABRIELA— Agradeço-lhe muito, boa senhora, pois vejo que não preciso mais do seu auxilio: já está tudo em socego.

ANNA— Ah! abusa assim da minha amizade, perturbando, sem motivo, o meu descanso?!

GABRIELA— Peço-lhe mil desculpas: eu pensei ha pouco que...

ANNA— Pense, senhorita, que estou com somno, e fique sabendo que não gósto que me chamem quando estou dormindo, por isso acabo com a nossa amizade! Parece-me que a Sra. fugiu do hospicio! (Sae, muito zangada)

SCENA XIX

Gabriela só

GABRIELA— Não me faltava mais nada!... Estou hoje em uma situação digna de inveja! A hospedeira tem-me por tola; a Sra. Capistrani, por louca! (Triste) Pobre Gabriela! quando pensaste passar por tal?! (Senta-se, abatida, em uma cadeira, continuando depois de pequena pausa) Que?! estou desanimada por tão pouco? (Levanta-se) Isto é tolice!... Quasi que me envergonho de me incomodar com o pouco juizo dos habitantes desta casa!... Ora! ora! pode o mundo pensar de mim o que quizer! Para mim é o mesmo! hoje pelo menos!... Vou agora ceiar muito descansadamente, e, quando estiver prompta, irei deitar-me. (Olha para a mesa) Ui! onde está a ceia? A minha ceia onde está? (Espia embaixo da mesa) Quem a terá levado daqui? Oh! meu pobre estomago! (Pensando) Mas quem esteve aqui no meu quarto?!

Com certeza os ladrões!... Não, não pode ser, porque fechei a porta muito bem fechada. (Dirige-se á porta e experimenta) E' impossivel ter entrado alguem aqui, porque a porta está como a deixei!... Entenda quem entender! Eu é que não posso comprehender este mysterio! Estava tudo aqui: colher de sopa, pratos, a faca, o garfo, e tudo desapareceu!... Não, não me deitarei, enquanto não decifrar este enigma! (Toma o casti-

PENNA, AGULHA E COLHER

— Publicação semanal —

Assignaturas

Anno 2\$000

Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 1\$000.

çal e anda por todo o quarto) Estará alguém escondido por aqui? (Espia embaixo da cama, e, quando se levanta, nota que lhe falta a malinha, etc.) Justo céo! onde está o meu capote? e o meu chapéo? e a malinha?... Sei com certeza que deixei tudo em cima da cama. Ah! a minha malinha! Todo o meu dinheiro lá se foi!... Oh! infeliz de mim! (Chora e grita desesperada) Onde está a minha malinha? Estou em uma casa de ladrões e não em uma hospedaria! Agora sei com toda a certeza que estou enganada! (Anda pelo quarto muito agitada) Mas vou á policia! Ainda hoje deve a casa ser toda revistada! (Dirige-se á porta para sair) Alto! ahi vem alguém subindo a escada! Quem será?... Com certeza é algum ladrão!... Elle que venha, que ha de ver o que é bom!... Coragem, Gabriela! (Apaga a vela) Assim ás escuras elle não me verá. (Escuta um pouco e depois se esconde, abaixando-se atrás da cama) Elle se approxima, porém não poderá entrar, porque a porta es á bem fechada! (Ouve mexer na fechadura) Oh! céos! esta abrindo a porta! Tem chave falsa! Pai celestial! vinde em meu soccorro!

Receitas

Camarões rechcados

Depois dos camarões limpos põem-se a cozinhar amarrados dentro de um pedaço de panno, para ficarem bem esticados.

Faz-se uma massa com camarões socados, ovos e farinha de trigo, e enrola-se em volta dos camarões essa massa, deixando para fóra a cabeça e a cauda. Passam-se em seguida na farinha de rosca, depois em ovos e novamente na farinha de rosca, e fregem-se em goraúra ou em azeite.

Gelatinas em amoras

Um prato de amoras, 12 folhas de gelatina, o succo de um limão, um calix de

vinho do Porto ou branco, seis claras bem batidas e assucar, quanto adoce.

Desfaz-se a gelatina num pouco de agua quente, e as amoras em dois copos dagua, que se cõa, depois de bem esmagadas. Mistura-se esta agua aos outros ingredientes e vae ao fogo, mexendo-se para não pegar.

Deixa-se levantar a fervura tres vezes.

Cõa-se por um panno bem tapado; deixa-se esfriar um pouco e vae-se pondo dentro da fôrma ás camadas, para as fructas não ficarem todas no funco.

A fôrma é então collocada na geladeira, sendo, na occasião de tirar, mergulhada rapidamente em agua quente.

Pode-se fazer esta gelatina com qualquer fructa.

Dominios da Esphinge

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO

(Outubro, Novembro e Dezembro)

62—68) NOVISSIMAS

Affirmo que o criminoso tem coração de bronze—1,2

Contra esta capa manifestou-se a rainha das Amazonas 2,2

Tal fructa tenho pena de anarrar no bordão - 2,1

Elle é igual ao moço que está com a tripulação—2,2

Neste porto o inverno me causa arrepio —2,2

Por não proceder bem, elle foi enganado e teve mau exito—1,3

E's grande e não és o animal?—1,3

Gaúcha

15) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

Sim, odeio-a e este odio é implacavel. Vá, retire-se para sempre da minha presença!

Ergueu-se ella então e disse com certa brandura na voz:

— Bem, filho, eu me vou, mãe desgraçada e triste; pössas tu ser feliz! não recaia jamais sobre ti a maldição do Senhor, pois que a grande culpada fui eu... e para que não te remorda um dia a consciencia a morte de tua irman, sabe que minha Alice, ainda mesmo qu nos quizeses tu valer, está irremediavelmente condemnada; tem tido hemoptyses repetidas. Adeus, Alberto! Não, não recaia jamais sobre ti a maldição

de Caim! Lembra-te que a tua infeliz mãe, arrependida, te perdôa; não desesperes, pois, da infinita misericórdia do Senhor.

Tua avó retirou-se em soluços e por uns segundos tive impetos de correr após ella e abraçá-la...mas toda a lembrança das antigas offensas feitas áquella cuja memoria eu adorava voltou-me de repente, fechei de novo a alma ao toque da compaixão.

— Ah! meu pae, — exclamei soluçando — por que não ouviu o Sr. a voz da consciencia, porque endureceu seu coração ao toque da graça?

— Cecilia! — respondeu papae com ligeiro tom de irritação na voz — e, ainda perguntas por que? não sentes as infamias atiradas á face de tua mãe?

— Ella perdoou tudo.

— Sim, mas eu não posso perdoar. Para que não me julgues sem entranhas, sabe que por intermedio de um amigo discreto enviei avultada somma a minha irman, guardando absoluto anonymato.

Minha mãe, porém, adivinhou a procedencia desse dinheiro e agradeceu-me em laconico bilhete com este dizer apenas: «Bem dita seja a mão generosa que nós soccorre num momento angustioso.»

A'ice falleceu pouco depois. Ha cousa de dois annos, tua avó veiu para um asylo aqui do Rio. Nunca mais a vi nem jamais a verei.

Comprehendes agora, Cecilia, por que vivo isolado, segregado da sociedade? Não me apraz explicar a pessoa alguma as desavenças de minha familia.

Vivo de recordações; o culto de minha mulher é a unica religião que pratico, a sua memoria é tão viva em meu coração que outra mulher jamais me atrahiu».

Assim terminou papae a sua narrativa. Eu estava tão profundamente emocionada que não pude jantar nem dormir e esta noite centi um abalo nervoso que me fez chorar horas consecutivas.

30 de Agosto

Não me foi possível escrever estes dias passados. A impressão que me causou a narrativa de papae fez-me doente. Passei noites a reflectir sobre esse duplo sentimento: amor — odio.

Amor vivo, fiel e profundo, si bem que mal entendido, pela esposa fallecida; odio vehemente e implacavel pela propria mãe outrora idolatrada!

Será invencivel este ultimo sentimento?

Espero em Deus que não. Em todas as minhas communhões pedirei a graça da conversão para elle e as pazes com a vóvó. Tenciono procurar minha avó no asylo. Coitada! quanto deve ser triste a sua velhice, sem caricias da familia, atirada

sobre um miseravel catre que lhe offerece a caridade publica!

E o filho e a neta na opulencia!

Meu Deus, tremo ao pensar nisso!

Papae tambem não tem socego nem paz, bem o percebe; a ordoa-se com o trabalho ás vezes excessivo para suas forças que declinam. Elle está avelhantado, conta apenas 43 annos, mas parece um ancião de 60.

Não, não ha poder humano capaz de apagar aquillo que, com caracteres indelegaveis, Deus gravou no coração dos filhos: — Honrarás pae e mãe!

Meu pae procura mil desculpas, quer se aturdir, mas a consciencia grita alto, d'ahi talvez sua velhice prematura. Pobre pae!

3 de Setembro

Senhor, dae-me a alma ds meu pae! E' uma alma digna de vos amar.

A troco dessa conversão tomæ, Senhor, a minha propria vida; entrego-Vos toda a felicidade que me devia tocar nesta passagem pela terra; os meus sonhos côr de rosa, o desejo de amar e de ser amada um dia; todas as illusões dos 18 annos, tudo Vos offereço em troca da saude moral de meu pobre pae.

Que alma ardente que coração fogoso o seu! Como pôde elle fazer de um affecto puro, qual o que dedicou á esposa, uma verdadeira idolatria? A esse culto sacrifica toda a eternidade, calca aos pés a vossa lei de perdão revolta-se contra sua propria mãe humilhada e infeliz!

Não, não, meu Deus, papae não pode viver nessa atmosphera odienta de vingança, tocae seu miserando coração, abrandæ aquelle genio indomavel e aceiteæ em troca a vida de vossa Cecilia.

Que importam mais uns fugaces dias nesta terra? A eternidade é tudo. Jesus, dae-me a alma de meu pae, que quero consagrar ao vosso amor.

A EPOCA

Todas as pessoas que desejarem inscrever-se como assignantes deste jornal e da Penna, Agulha e Colher no anno de 1919, poderão recebê-los desde já, sem augmento de preço, que será de 6\$000 nesta capital e de 7\$000 para todos os outros pontos do paiz.

Pedidos de novas assignaturas, em qualquer periodo do anno, só serão attendidos mediante pagamento adiantado.

Não se aceitam assignaturas de semestre.

FREI PEDRO SINZIO**Ancilla Domini**

(D. Hilda Leite Guimarães)

Em seu número de 1.º de Agosto de 1911, as «Vozes de Petropolis» abriram um concurso literario para a melhor peça dramatica sobre o assumpto: *Só a prática da Religião torna a mulher feliz.*

O primeiro trabalho, que appareceu, tinha como lemma: *Inveni quem diligit anima mea. Cant. 8. 4.* («Achei a quem a minha alma dá seu amor»). Sollicitava a minha opinião sôbre si devia ou não continuar a escrever, pedindo que a resposta fôsse dada na secção «Caixa Postal», da revista.

Quantas vezes, depois que começaram os triumphos de *Ancilla Domini*, eu me lembrei da minha grande responsabilidade ao escrever as poucas linhas que ella sollicitára! Uma resposta rispida talv z para sempre teria posto de lado uma penna, que, em seguida, innúmeras vezes, arrancou lágrimas e fez milhares de leitores esperarem anciosamente pela chegada das «Vozes de Petropolis», d'«A Resposta», etc., onde ella escrevia.

Verdade é que a peça dramatica enviada me agradára menos sob alguns pontos de vista, e que o jury do concurso, não julgando nenhum trabalho nas condições de ganhar o primeiro ou segundo premio, concedeu ao de *Ancilla Domini* o terceiro.

Ainda assim, reconhecendo bellissimas qualidades no trabalho enviado, respondi no número de 15-IX-1911, das «Vozes de Petropolis»:

«Permitta-nos a illustre correspondente que lhe digamos com toda a convicção que o descanso dado á sua penna equivalerá a uma falta de dever não pequena sobretudo em nossos dias, em que não temos abundancia de bons escriptores, enquanto tantas pennas estão ao serviço do Anti-Christo. Continúe a escrever, e ser-lhe-emos gratos pela remessa de seus trabalhos, publicando-os nesta revista ou em outros órgãos da boa imprensa».

Foi em 15 de Janeiro de 1912, que, pela primeira vez, appareceu na imprensa brasileira o nome *Ancilla Domini*, tirando a phantasia em dois actos: *O triumpho do uever* («Vozes de Petropolis», pags. 104-110).

Não se pôde dizer que tenha chamado muito a attenção, mas logo o segundo trabalho foi um tiro ao alvo, revelando de vez as extraordinarias qualidades da escriptora: *Uma correspondencia franqueada ao publico* (pags. 480-488 e 524-529).

A impressão foi profunda. Não se podia lèr esse bellissimo conto, que ainda hoje acho um dos melhores de todos quantos ella escreveu, sem sentir humedecerem-se os olhos.

Os padres salesianos, de Nícteroy, pediram permissão para fazer a edição dessa tocante narrativa em sua bella collecção «Leituras Catholicas», o que gostosamente foi concedido.

Já começavam a indagar: «Quem é essa *Ancilla Domini*?», mas eu mesmo não sabia responder.

No mesmo anno, além de um pequeno estudo historico—*Os bandeirantes* («Vozes de Petropolis», pags. 1421-1423), em que ardorosamente defende os méritos dos padres jesuitas, escreveu o conto de assumpto social *Os divorciados* (pags. 1300-1305, e 1357-1363); e *Uma fazenda no Maranhão, episodios dos tempos coloniaes*, este ultimo publicado no 7.º voluminho da «Bibliotheca Universal» (edição das «Vozes de Petropolis»).

Em vão tinha eu tentado descobrir quem era a mysteriosa colaboradora que cada vez mais se impunha á veneração e ao reconhecimento. O carimbo dos sellos denunciava como procedencia das cartas certo districto do Rio de Janeiro. A tinta era sempre a mesma, o papel—almasso commum. Para uma das cartas, ella se servira de papel duma casa religiosa, de modo que augmentavam as perguntas: *Ancilla Domini* era homem ou mulher? Parecia-me o ultimo. Religiosa ou secular?

Julguei ter achado, afinal, o meio de fazê-la trahir o seu anonymato. Estava terminada a impressão de *Uma fazenda no Maranhão*. Ella devia lèr o annuncio da edição. Por força—calculei eu—ella, como todos, quererá vêr e possuir um exemplar do primeiro livrinho que escreveu.

Puz me, pois, a examinar por algum tempo toda a correspondencia dirigida á administração das «Vozes de Petropolis», a vêr si descobria a sua letra e a tinta por ella usada.

Efectivamente, enquanto as collaborações eram dirigidas a mim, um bello dia vejo a sua letra e tinta numa carta endereçada á administração. Abri-a incontinenti. Como eu o tinha esperado, uma senhora, para mim completamente desconhecida, D. Hilda Leite Guimarães, pedia á administração, em simples estylo commercial, a remessa de um exemplar de *Uma fazenda no Maranhão*.

—Graças a Deus! estou na pista—pensei.—Agora, só resta examinar si D. Hilda Leite Guimarães é *Ancilla Domini* em pessoa, ou si, como amiga apenas, escreveu em nome desta.

(Continua)